

LITERATURA DE CORDEL E ENSINO: PERCURSOS, PRÁTICAS E PERSPECTIVAS

CORDEL LITERATURE AND EDUCATION: PATHS, PRACTICES, AND PERSPECTIVES

José Hélder Pinheiro Alves¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>

Enviado em: 15/02/2026

Aceito em: 17/03/2026

Publicado em: 22/07/2025

Resumo: O presente artigo apresenta alguns percursos e práticas de ensino da literatura de cordel desde o final do século XX até o início do século XXI. Inicialmente apresenta-se um depoimento sobre nossas primeiras experiências com folhetos, ainda no século passado. A seguir apresentamos e discutimos três propostas de abordagem da literatura de cordel publicadas em livros. Destaca-se, como perspectivas, a necessidade de leitura deste viés da literatura popular na escola como arte e não meramente como instrumento pedagógico. Atribuir à literatura de cordel um valor apenas pedagógico é diminuí-la, uma vez que passa a ser utilizada numa perspectiva pragmática.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Ensino; Perspectivas.

Abstract: This article presents some pathways and teaching practices related to literatura de cordel (cordel literature) from the late 20th century to the early 21st century. It begins with a personal account of our first experiences with folhetos (pamphlets), still in the previous century. Next, we present and discuss three proposed approaches to cordel literature published in books. As key perspectives, we highlight the need to approach this form of popular literature in schools as art, rather than merely as a pedagogical tool. Assigning cordel literature only pedagogical value diminishes it, as it comes to be used from a purely pragmatic perspective.

Keywords: Cordel literature; Teaching; Perspectives.

¹ Universidade Federal de Campina Grande; Doutor

E-mail: helder.pinalves@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2352905993796166>; Orcid: 0000-0003-4304-7178.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

Introdução

Diante do tema proposto, considero da maior importância retomar todo o percurso que trilhei no âmbito do ensino da literatura de cordel. E a primeira experiência de que me recordo vem da já distante década de 1980 quando, ainda estudante de Letras, na cidade de Uberaba, lecionava leitura literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental – naquela época, da 5^a. à 8^a. série. Mas alguém me pergunta: havia essa disciplina na “grade curricular”? Não, oficialmente não havia, mas a diretora do Colégio Nossa Senhora das Dores, a freira dominicana Irmã Georgina, determinou que uma aula por semana deveria ser dedicada à leitura literária. E foi nesse contexto que um dia levei para leitura numa turma de 7^a. série (hoje seria 8^o. Ano), o primeiro episódio de “As proezas de João Grilo”, de João Ferreira de Lima. Até então, nunca tinha estudado literatura de cordel, nem sequer conhecia essa denominação. Onde nasci, no município de Capistrano, numa região de pé de serra, há 90 km de Fortaleza, depois de Baturité, pertinho da serra de Aratuba, não se usava essa denominação. Nunca ouvi de meu pai, que sabia de cor muitos versos, nem de minha mãe, essa denominação. Falava-se muito e versos – ouvir versos, dizer versos... Portanto, criança, eu sabia o que era verso... meu pai sabia de cor muitas estrofes ouvidas em cantorias de viola ou recitadas por pessoas – poetas ou não da região. Iniciando o curso de Letras, já tinha uma noção vaga de metrificação – que me fizera sofrer muito no ensino básico. Sobretudo, tinha na mente o ritmo, o andamento dos versos de sete sílabas. Mas na prática, não conceitualmente.

Datilografei o primeiro episódio do folheto num estêncil a álcool, tirei a cópia e levei, bastante temeroso, para a sala de aula. Lembrava-se de muitos episódios desta personagem, ouvira os versos algumas vezes na minha infância. O eco das façanhas do João Grilo, portanto, me acompanhava. Mas tudo de ouvido, tudo oral, nada escrito. Vim a ler o folheto completo anos depois, no livro *Autores de cordel*, da coleção Literatura Comentada, organizado por Marlyse Meyer (1980).

Entramos direto na leitura – primeiro em silêncio, depois em voz alta (hoje, não trabalho mais assim). Nada de falar em literatura de cordel, em métrica, em tipo de estrofe. Iniciamos com a leitura que, no momento inicial, gerou algumas boas risadas. Lemos, releemos, conversamos sobre aquele menino arteiro. Discutimos um pouco sobre sua condição social. Na aula seguinte, para minha surpresa, uma aluna trouxe seu violão e disse: - Professor, eu vi no “Som Brasil” um homem cantando e parecia muito com esse texto que nós lemos.” E aí, novamente a memória me trouxe os ritmos dos versos cantados nas cantorias. E juntos, cantamos o episódio das Proezas, inicialmente só nós, depois com toda a turma.

Após esta vivência inicial, nunca mais abandonei a leitura de folhetos na sala de aula. E passei a ler mais, a me informar, a adquirir folhetos, e, sobretudo, antologias. Esse começo de minha experiência reputo como da maior importância para entender a perspectiva que, intuitivamente, adotei no trabalho com folhetos em sala de aula. Ou seja, não iniciei querendo ensinar, mas favorecendo um encontro com os textos. E seguia a minha própria experiência, uma vez que antes de saber as denominações formais, eu sabia de cor muitas estrofes ouvidas na infância, até pelo menos os 12 ou 13 anos de idade. De certa forma, essa experiência moldou meus procedimentos metodológicos e só bem depois tomei consciência disto².

Passemos, pois, a visualizar algumas perspectivas que, nos últimos anos, vem sendo formuladas e vivenciadas no trabalho com a literatura de cordel na escola. Ao final, tentaremos uma síntese do que consideramos o caminho mais adequado para levar os folhetos à escola como literatura, e não como instrumento pedagogizante.

1. Algumas Abordagens

Passemos agora a visualizar as *várias perspectivas* que tenho acompanhado de “ensino” da literatura de cordel; trata-se de uma visão pessoal, mas ancorada em

² Estas memórias de minha formação no âmbito da literatura popular, relatei em mais de uma artigo. Destaco o seguinte: “Literatura e ensino: formando leitores de poesia” (Pinheiro, 2010).

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

depoimentos e, sobretudo, em documentos – livros e cartilhas. Não me coloco como juiz de nenhum dos rumos tomados, mas me sinto no direito de discuti-las...

A primeira forma como o folheto de cordel comparece ligado ao ensino é nos depoimentos de muitos cordelistas e não cordelistas que aprenderam a ler *com* folhetos. E mais, *aprenderam a ler para ler folhetos* – acho essa denominação mais adequada. Trata-se não de uma proposta da escola, mas de um movimento do próprio aprendiz que busca no objeto artístico o amparo para leitura.

A primeira sistematização que realizamos foi em 1995, na primeira versão de nosso *Poesia na sala de aula*. Lá afirmamos que:

Muitas vezes, quando líamos e cantávamos estes poemas, éramos surpreendidos por alunos que sabiam de cor outros poemas e, às vezes, chegavam a recitar para os colegas. Acreditamos que a escola precisa, com regularidade, levar estes poemas para sala de aula. A cultura popular tem vitalidade e riqueza de experiências, e privar os alunos de seu conhecimento é empobrecê-los cada vez mais”. (Pinheiro, 1995, p. 71-72)

Alguns anos depois, em 2002, em parceria com Ana Cristina Marinho Lúcio, escrevemos *Cordel na sala de aula*, que teve uma segunda edição modificada com alguns acréscimo e passou a se chamar *Cordel no cotidiano escolar...* (Cf. Marinho; Pinheiro, 2012), publicado agora pela Cortez Editora em 2012. O livro foi comprado pelo PNBE e distribuído para escola públicas de todo o Brasil. Estas duas obras trazem claramente a perspectiva pedagógica que seguíamos e continuamos seguindo.

a) Partíamos – e continuamos partindo – sempre da **leitura oral** do folheto; leitura realizada sempre mais de uma vez; procurando envolver os participantes – lendo e relendo determinadas estrofes, colocando-os para ler, tentando dar expressão oral as mais diversas à leitura;

b) **Nunca** partimos do ensino da *forma* (tipo de rima, tipo de versos, metrifcação, figuras de linguagem, etc.), muito menos das *informações históricas*. Elas podem vir depois – e com certeza, vêm – mas não como um a priori, como algo a ser ensinado previamente. Parto, portanto, da minha experiência de *leitor-ouvinte...*

c) Mas também fui atrás de depoimentos de mais velhos: Manuel Monteiro, Toinho da Mulatinha (fez com seu irmão Dedé da Mulatina, uma dupla de cantador de Coco – com ganzá e depois passou a escrever folhetos), Antônio Lucena (grande xilogravurista) e todos são unânimes: passaram a se envolver *ouvindo*, ouvindo nas feiras, em casa – depois vem a leitura no papel e só bem depois o conhecimento técnico...

d) Também **nunca usamos os folhetos** – e a poesia em geral – para ensinar qualquer conteúdo; por certo, se leio um poema que trata da seca, com jovens ou crianças, muitas informações podem ser assimiladas... Por exemplo, informações históricas, ecológicas, etc. Mas não como um conteúdo a ser cobrado, mas como uma *experiência a ser compartilhada*. Claro, sou professor de literatura – quero ler e contar história... Um professor de História deve ter toda liberdade de ler folhetos sobre Zumbi, sobre Getúlio Vargas, ou um professor de ciências terá muitos folhetos para conversar sobre meio ambiente, ecologia, etc.

e) Outra procedimento de que lançamos mão foi a *abordagem comparativa* – entre folhetos, entre folhetos e canções, entre folhetos e poemas líricos em geral, entre folhetos e outras manifestações artísticas, entre folhetos e crônicas, contos, textos narrativos em geral, entre folhetos que retextualizam obras narrativas e a narrativa primeira, etc. Considero esta prática das mais produtivas. Por exemplo, já trabalhei inúmeras vezes comparando:

1. Trechos de poemas de *O país da Cocanha*...
2. Viagem ao céu – de Leandro Gomes de Barros;
3. Viagem a São Saruê – de Manuel Camilo
4. Meu sonho – Antônio Francisco.³

f) Também *não cobramos a escrita de folhetos*, embora sempre estimulamos um ou outro aluno que deseja se iniciar na arte de compor versos. E algumas vezes

³ Algumas sugestões de abordagem comparativa encontram-se no artigo “O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino.” (Pinheiro, 2013)

ilustramos coletivamente a criação de uma sextilha, por exemplo. Acreditamos que o *papel precípua* do professor de literatura é contribuir para *formar leitores*. Contribuindo para formar leitores, estamos contribuindo para formar possíveis escritores... pois para se tornar um escritor – de folhetos, de poemas líricos, de narrativas em geral - há que se ser, antes de tudo, um leitor. Não se tem notícia de alguém que se tornou escritor sem que tenha tido um tempo de leitor e, no caso do cordel, também de *ouvinte*.

g) Considero da maior importância que se façam **oficinas de criança poética**, mas apenas com alunos interessados, não como uma imposição para uma sala, uma escola... Tenho visto boas experiências com oficinas, bem como imposições desconfortáveis que, a meu ver mais afasta possíveis leitores do que os forma...

Além desta prática de leitura que vimos realizando nos mais diversos espaços – escolas públicas, comunidades, Universidade – também acompanhamos diferentes modos de abordagem de folhetos de cordel na escola neste início de século. Cada forma revela, por certo, uma concepção teórica, uma visão ideológica e, certamente, trazem importantes contribuições. Destacamos aqui três propostas que comparecem em forma de livros e que já tiveram uma circulação. Passemos à primeira.

a) ***Cartilha de poesia popular***

Trata-se de um livro de autoria de Lindoaldo Campos e Vinícius Gregório, publicado em **São José do Egito**, PE, 2019. O livro apresenta-se como suporte para uma disciplina a ser ensinada na escola.

Dividido em 6 capítulos, o primeiro, denominado “Poesia: noções e estruturas básicas”, é todo em forma de pergunta, tipo: a) O que é poesia?; b) Há poesia na prosa?; c) Por que estudar poesia?; d) Quais as origens de nossa poesia?; e) O que é um cordel?; f) Quais são os tipos de estrofe da poesia popular?; g) O que é um mote?; h) O que é uma glosa?

Inicia, portanto, com informações conceituais sobre poesia – a dimensão formal é praticamente o eixo da proposta. Não traz exemplificação com folhetos de cordel em sua integralidade; traz uma exemplificação praticamente toda recolhida de cantorias e de poemas de artistas da região. Exemplos:

Admiro o serra-pau
Num galho de aroeira
Sem sebo para o serrote
Trabalhar a vida inteira
Serrando só pelo vício
Sem precisar de madeira.
(Manoel Filó, *apud* Campos; Vinícius, 2019, p. 45)

Também:

O meu verso é um pião
Que quando sai da ponteira
Fura um buraco no chão
Forma nuvem de poeira
Com tanta velocidade
Que muda a cor da madeira.
(Manoel Xudu, *apud* Campos; Vinícius, 2019, p. 60)

Fig. 01 – Capa da obra *Cartilha de poesia popular* (2019), de Lindoaldo Campos e Vinícius Gregório



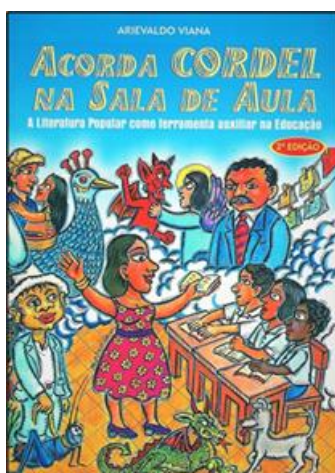
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

O capítulo 2, Rima, trabalha o conceito de rima toante e rima consoante, trazendo sempre exemplos da poesia popular. Já o capítulo 3 volta-se para o “Tema” e também seus tópicos são perguntas, tipo: “O que é um tema?”, “Como podemos desenvolver um tema?”, “O que é linguagem poética?”, “O que são figuras de linguagem?”, dentre outras. O quarto e quinto capítulos desenvolvem, respectivamente, os conceitos de “Métrica” e “Ritmo”. Por fim, o capítulo 6 denomina-se “Para saber ainda mais!”, traz um elenco dos “gêneros da poesia” popular, tais como “Oito pés de quadrão”, “Martelo agalopado”, “Martelo alagoano”, dentre outros. Todos os capítulos enceram com um conjunto de “Atividades” que visam reforçar o aprendizado dos conceitos apresentados e trazem uma diversidade grande de estrofes que podem ser apreciadas também de um modo mais livre. Destaque-se ainda o fato de a obra ser toda ilustrada, o que traz um estímulo para o leitor em formação.

b) ***Acorda cordel na sala de aula***

Trata-se de um livro muito importante, capitaneado por Arievaldo Viana (2006). O **primeiro destaque** que faço desta obra é a presença significativa de folhetos... são vários textos integrais e a indicação de dezenas de folhetos. Isto para mim é da maior importância, uma vez que nossos professores precisam de um **repertório** mínimo para fazer um bom trabalho.

Fig. 02 – Capa do livro *Acorda cordel na sala de aula* (2006), de Arievaldo Viana



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Outro destaque é que o livro **tem muitas vozes** - a voz de dona Alzira de Souza Lima, avó do poeta, Manoel Monteiro, a voz de Gonçalo Ferreira, então presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Bráulio Tavares, Zé Maria de Fortaleza e tantos outros.

Traz ainda uma “Breve história da literatura de cordel”, “Técnicas do cordel” em que contempla informações sobre Rima, Métrica (diferentes tipos de versos), classificação dos versos e tipos de estrofes, dentre outras informações.

Merece atenção, para nossa abordagem o tópico 13: ATIVIDADES ESCOLARES, que traz modalidades como:

- a) Leitura coletiva;
- b) Interpretação de texto;
- c) Exercícios lúdicos, debates;
- d) Questionários sobre o texto;
- e) Ilustração do folheto;
- f) Adaptação para teatro e
- g) Criação de um cordel coletivo. (p. 57 a 60)

Da maior importância são as informações trazidas sobre Leandro Gomes de Barros e uma relação de trinta folhetos do poeta. Outros autores brevemente apresentados:

- a) O Editor José Bernardo da Silva;
- b) Manoel Monteiro;
- c) Manoel Camilo dos Santos;

Destaca ainda a presença do cordel no Jornalismo, a importância das Academias – como a Academia dos Cordelistas do Crato... Trata-se de uma obra que traz uma

grande riqueza de informações, de indicações de poemas que, na mão de um mediador minimamente preparado poderá contribuir para formar leitores.

c) ***O cordel em sala de aula***

De autoria de Arusha Kelly C. de Oliveira (2023), é uma das publicações mais recentes, que cuja divulgação tomou corpo no ano passado. O livro é fruto de uma pesquisa de mestrado, orientada pelo professor Stélio Torquato. Destaco, do início ao fim, toda a força na defesa da literatura de cordel e o **equilíbrio** com que aborda as questões – algumas polêmicas.

Dos quatro capítulos, dois, merecem atenção: o número 2 e o 4. Adianto que em ambos, além do diálogo com teóricos, críticos e poetas, há uma presença significativa de poemas – estrofes as mais diversas. Ao final, traz uma ampla indicação de Referências, quer teóricas, históricas críticas, metodológicas bem como indicação de dezenas de folhetos. Observemos de perto:

Capítulo 2. “O cordel como ferramenta auxiliar no processo de ensino aprendizagem”

Nesse capítulo, além do panorama histórico, bem fundamentado, traz também informações sobre as estrofes mais frequentes nos folhetos, bem como uma relação do que considera as “características do texto em cordel”.

Fig. 03 – Capa do livro *O cordel em sala de aula* (2023), de Arusha Oliveira



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

No tópico 2.2., a autora aponta “As potencialidades didático-pedagógicas da literatura de cordel”, lançando mão de diversos pesquisadores, como Ana Maria Galvão (2000), escritores e cordelistas, Francisco Paiva Neves, dentre outros.

A autora defende com ênfase a importância do cordel como “apoio fundamental se alfabetizarem” (retomando a experiência de Arievaldo e outros). Nalguns momentos é tomada por uma certa empolgação, como quando afirma que apesar do “olhar pejorativo da elite para as obras populares, o cordel continuou colocando-se a serviço da educação e *a favor da alfabetização das massas.*” (Oliveira, 2023, p. 85). Nesse tópico, ainda elenca oito benefícios que o cordel pode trazer para a escola. Destaco alguns:

- a) A presença de variantes linguísticas, contribuindo para “estudar, também, formas linguísticas antes pouco valorizadas pelas escolas” (Idem, p. 85)
- b) Possibilitar “ações interdisciplinares, dada a variedade temática que caracteriza o gênero” (Idem, p. 86)
- c) Contribuir para o “desenvolvimento da criatividade dos alunos” dentre outras razões por mostrar que “muitos de nossos poetas são verdadeiros mestres na arte de explorar as potencialidades expressivas da língua.” (Idem, p. 86 e 87);
- d) Destaca ainda o fato de seu caráter “exemplar”, bem como o fato de instaurar “um ambiente lúdico”.
- e) Ainda chama a atenção para a “diversidade textual”, que “amplia o leque de tipos textuais a serem trabalhados em sala de aula” (Idem, p. 89), “O diálogo com outras artes e gêneros textuais” e, por fim, o fato de ele discorrer “sobre elementos da cultura brasileira, principalmente a que caracteriza a região Nordeste”.

Trata-se de uma obra rica em sugestões e reflexões e traz um referencial teórico e indicações de folhetos que muito podem contribuir com a formação do mediador (a) da leitura de folhetos na escola.

2. Perspectivas

Apresentadas as três obras que sistematizam propostas de atividade com os folhetos em sala de aula, passemos ao que denominamos perspectivas. Mas sempre lembrando que nossa abordagem e nossas propostas não se apresentam como caminho único. Elas resultam de diferentes práticas, como ministração de cursos na Universidade, em escolas públicas, da orientação de dissertações e de estágios supervisionados. Vamos, pois, a elas.

a) Que se leia mais folhetos em sala de aula – de autores e autoras locais, de outras cidades, publicados em livros, em sites; que se leia os clássicos – Leandro, João Martins de Athayde, José Pacheco, citar outros etc.;

b) Que se trabalhe um pouco a perspectiva comparatista – tendo como foco aulas de literatura – não aulas de literatura popular ou de literatura de cordel, etc. Por um certo tempo talvez tenhamos que continuar usando essas denominações... No entanto, numa disciplina de poesia brasileira no século XX, por exemplo, por que não trazer folhetos de Leandro, poemas de Patativa, de Antônio Francisco, para ficar apenas com três de grande valor; (o recado aqui é para os professores universitários...)

c) Outra ação que nos parece interessante é estabelecer diálogos com poetas e poetisas: no encerramento de uma disciplina denominada literatura popular, na UFCG, convidamos 7 poetas para um encontro com os estudantes à noite. Conversarmos, ouvirmos suas experiências, como ocorreu sua formação, comprarmos folhetos, ouvirmos o modo como recitam seus folhetos, etc. Trazer essas artísticas para o circuito escolar...

d) Atenção especial merece a forte presença das mulheres na literatura de cordel neste século. Sempre silenciadas, como mostram muitas pesquisas, as mulheres tem escrito e divulgado seus folhetos em escolas, Feiras literárias, Bienais de livro e nos mais diversos espaços. Também começam a surgir antologias com a produção destas mulheres, como a recente *Cordel do encanto feminino: coletânea de cordelistas*

nordestinas, organizada por Porcina Furtado (Cf. Furtado, 2023). Cabe então perguntar: por que não estimular sua presença no espaço escolar?

e) Um caminho interessante, que vi em algumas dissertações que eu e a professora Naelza Wanderley orientamos no PPGLE-UFCG, é a leitura e comparação entre obras literárias e sua adaptação para cordel, bem como a comparação entre narrativas com enredos afins. Exemplo é a tese de Weber Firmino Alves *A temática do amor contrariado na literatura de Athayde, Suassuna e Resende*: leituras e recepções em sala de aula, na qual o pesquisador desenvolve interessantes aproximações entre o clássico da literatura popular *Coco verde e melancia*, de José Camelo de Melo Resende, e a peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. (Cf. Alves, 2024)

Considerações Finais

Encerro essas reflexões mirando com esperança o presente e o futuro. Um evento como este (III JORNADAS DE LITERATURA DE CORDEL E XILOGRAVURA), mostra a força da literatura de cordel e da literatura popular como um todo. É preciso nos unirmos na divulgação dos trabalhos, na inserção social, no diálogo com outros pontos de vista.

As três propostas aqui apresentadas, trazem, a seu modo uma contribuição para formar professores desejosos de trabalhar com a literatura de cordel na escola. Elas têm em comum, sobretudo, a paixão por esta literatura que neste início de século se fortaleceu de modo muito significativo e tem na escola em geral seu público alvo.

Outro aspecto a ser colocado é o da necessidade de divulgação de folhetos nos ambientes escolares. Digo aqui, folheto, não propriamente livro. Os livros são bem mais caros e dificultam bastante o acesso do leitor mais pobre. Ele praticamente vai ler os livros que foram adquiridos por estados e municípios. Nesse sentido, seria ideal que toda escola tivesse uma cordelteca. Nem precisa de um nome, apenas uma estante com folhetos – para crianças, jovens e adultos poderem ter acesso. E folhetos de todas as perspectivas, inclusive aqueles notadamente com traços de cartilha, com conteúdos a

serem ensinados em verso. A escola oferece as obras e a decisão de o que ler e quando ler fica por conta do leitor, sobretudo quando não há professores-mediadores trabalhando cotidianamente a leitura no contexto escolar.

Referências

- ALVES, Weber Firmino. *A temática do amor contrariado na literatura de Athayde, Suassuna e Resende: leituras e recepções em sala de aula*. Tese de Doutorado em Linguagem e Ensino. Campina Grande, PB: UFCG/ Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, 2024.
- CAMPOS, Lindoaldo; GREGÓRIO, Vinícius. *Cartilha de poesia popular: teoria e prática, aula por aula*. São José do Egito: Do Autor, 2019.
- FURTADO, Porcina. *Cordel do encanto feminino: coletânea de cordelistas nordestinas*. Cajazeiras, PB: Arribaça, 2023.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de Cordel em Pernambuco (1930-1950)*. Belo Horizonte: Biblioteca Digital UFMG, 2000.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MEYER, Marlyse. *Autores de cordel: literatura comentada*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- OLIVEIRA, Arusha Kelly Carvalho de. *Cordel em sala de aula: sugestões didático-pedagógicas para o uso da literatura popular visando ao incremento da leitura*. Curitiba: Appris, 2023.
- PINHEIRO, Hélder. Literatura e ensino: formando leitores de poesia. In: LIMA, Ma. A. F. et al. (Org.). *Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino*. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 131 a 152.
- PINHEIRO, Hélder. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: REZENDE, Neide Luzia et. al. (Org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 35 a 49.
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. João Pessoa: Ideia, 1995.
- VIANA, Arievaldo. *Acorda cordel na sala de aula: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação*. Fortaleza: Tupynanquim, 2006.